

# Revista Filosófica de Coimbra

vol.11 | n.º21 | 2002

Miguel Baptista Pereira  
Edmundo Balsemão Pires  
Helder Gomes  
Alexandre Costa  
José Reis  
Henrique Jales Ribeiro  
Isabel Gomes

## RECENSÕES

Enrique M. Ureña, *Philosophie und gesellschaftliche Praxis. Wirkung der Philosophie K. C. F. Krauses in Deutschland (1833 – 1881)*, Stuttgart – Bad Cannstatt, Frommann – Holzboog, Spekulation und Erfahrung, Texte und Untersuchungen zum deutschen Idealismus, Abteilung II – Untersuchungen, Band 23, 2001.

O Professor Enrique M. Ureña é docente na Universidade Pontifícia Comillas em Madrid e tem feito as suas investigações no domínio da Filosofia de K. C. F. Krause e do krausismo. Em 1991 publicava Enrique M. Ureña na prestigiada colecção da editora Fromman – Holzboog dedicada a estudos sobre o “Idealismo alemão”, no volume 22 da colecção “Investigações”, uma detalhada biografia de K. C. F. Krause, revelando as facetas do filósofo, maçã e cidadão do mundo.

Na apresentação da sua obra de 2001 o professor Ureña revelava ao leitor o sentido inicial e as modificações sofridas no seu projecto de investigação sobre K. C. F. Krause e o krausismo.

De acordo com o seu plano inicial, a investigação sobre K. C. F. Krause devia começar com o estudo da biografia, a que se seguiria uma pesquisa sobre a Filosofia Prática do autor de *O Ideal da Humanidade* e uma outra dedicada ao krausismo alemão. O plano modificado após a publicação da biografia do filósofo, em 1991, consiste no volume, que agora se apresenta ao leitor português, sobre a influência do ideal de humanidade de K. C. F. Krause no círculo de alguns discípulos, que tiveram um papel preponderante na propagação das teorias de K. C. F. Krause em práticas e instituições vocacionadas para o ensino, e em um outro volume, previsto para mais tarde, dedicado à apresentação da recepção da obra de K. C. F. Krause numa época caracterizada pelo “póshegelianismo”, na Alemanha e em outros países da Europa. Neste último contexto, Enrique M. Ureña considerava importante uma investigação detalhada sobre a “Institución de Libre Enseñanza” que, em Espanha, desde a sua fundação em 1876, se fez eco quer das doutrinas krausistas quer das do pedagogo Fr. Fröbel.

As investigações que estão na base do livro que agora se apresenta foram realizadas pelo autor em várias bibliotecas e arquivos na Alemanha: Dresden, Bad Blankenburg, Berlin, Göttingen, Tübingen, Frankfurt / Main, Gotha, Heidelberg e München.

O núcleo da investigação é constituído pela análise do percurso da recepção do pensamento de K. C. F. Krause num grupo de adeptos influentes no domínio da pedagogia e instituições pedagógicas, começando logo no capítulo I pela exposição do trajecto de H. von Leonhardi. Daqui parte o autor para a análise do cruzamento entre os projectos dos krausistas e de Fr. Fröbel, mostrando como se gerou na Alemanha uma conexão teórica com efeitos práticos entre krausismo e fröbelianismo, que parte do encontro entre K. C. F. Krause

e Fr. Fröbel, no ano de 1828, em Göttingen, e que tem o seu ponto culminante entre 1873 e 1881.

As investigações agora publicadas permitem concluir que na base da actividade de K. C. F. Krause e dos seus discípulos no sentido de divulgar um pensamento da harmonia e unidade de todas as coisas e o ideal da Humanidade está uma tendência comum a certos discípulos de Hegel como F. W. Carové, A. Ruge, Th. Echtermeyer, L. Feuerbach e outros colaboradores dos *Hallische Jahrbücher* no sentido de "tornar prática" a Filosofia, colocando-a ao serviço da unificação política da Alemanha, não se podendo dissociar o pós-hegelianismo, o krausismo e o fröbelianismo de um pensamento patriótico, que buscava legitimar na unidade e harmonia de todas as coisas a necessidade da unidade política dos alemães.

Enrique M. Ureña dá conta desta semelhança entre os "hegelianos de esquerda" e a vocação prática do pensamento de K. C. F. Krause a propósito dos projectos de A. Ruge e de Th. Echtermeyer da criação de uma "Livre Academia das Ciências", de que os *Hallische Jahrbücher* seriam o órgão científico, em Dresden, no ano decisivo de 1839 / 1840, quando A. Ruge decidiu trocar Berlin por Dresden, para local de desenvolvimento de uma cultura filosófica independente, que não agisse de modo subserviente para com autoridades religiosas ou políticas. Em 1841, num número dos *Jahrbücher* de A. Ruge, comentava elogiosamente J. Frauenstädt a Filosofia de K. C. F. Krause.

O culto da liberdade, autonomia e do espírito de pluralismo doutrinal estiveram na base da ideia de uma "universidade depois da universidade" (A. Ruge, 1841), a que teriam acesso alunos pósgraduados, e em que a concentração na própria actividade do espírito e nas suas consequências práticas devia ser o fundamental, propondo-se A. Ruge, muito consequentemente, banir os exames. A Filosofia foi concebida como a disciplina-mãe, quer no seu desdobramento em Filosofia Teórica quer nos seus preenchimentos em pensamento da História e em História da Filosofia, e as disciplinas filosóficas deviam coerentemente percorrer todo o território do saber. O princípio *die Philosophie muß praktisch werden* deveria, portanto, fazer sentir as suas primeiras consequências numa reforma geral do sistema universitário, que deveria aproximar-se, tanto quanto possível, do espírito que viria a animar esta "Livre Academia das Ciências". O projecto do "jovem hegeliano" A. Ruge fracassa, pois no ano de 1843 são proibidos os *Hallische Jahrbücher* na Saxónia.

Em redor do desiderato de um *praktischwerden der Philosophie* vão unir-se vários projectos de constituição de sociedades científicas e de reforma dos estudos universitários na Alemanha, dos anos 1840 em diante.

Com a concordância de K. C. F. Krause e ainda no ano de 1829, em Göttingen, lançava H. von Leonhardi uma proposta de um organismo para o estímulo da vida académica, que se apresentava com um alcance suprapartidário relativamente às escolas filosóficas, a que se seguiu o projecto de outro krausista, H. S. Lindemann, em 1846, no qual se lia o apelo a uma única "Filosofia alemã", capaz de superar a dispersão das diferentes escolas filosóficas. Este suprapartidarismo em matéria filosófica é pelo autor considerado como uma nota característica da influência do krausismo nas sociedades de promoção científica na Alemanha coeva.

No mesmo ano do apelo de H. S. Lindemann, no periódico *Zeitschrift für Philosophie und speculative Theologie* exortava I. H. Fichte, em carta circular, todos os filósofos da Alemanha a que se reunissem em Assembleia. Desta circular e de outros ensaios de H. S. Lindemann sobre a mesma temática nascia, então, o projecto de convocação de uma Assembleia Nacional de filósofos, que veio efectivamente ter lugar, em 1847, em Gotha. Nesta primeira Assembleia Alemã de Filósofos leu I. H. Fichte uma conferência de abertura com o título significativo *Grundsätze für die Philosophie der Zukunft*, continuando o fio condutor das suas anteriores proclamações da transformação prática da Filosofia e do "nascimento de uma nova época".

A constatação por I. H. Fichte da necessidade de uma unificação dos esforços dos filósofos de todas as escolas no sentido de uma matriz comum da Filosofia está associada à forma como este pensador entendeu o contributo de Hegel, nomeadamente naquilo que se refere à acentuação do carácter histórico do sistema filosófico no seu conjunto. Assim, pela História da Filosofia se podia assimilar o sentido da formação contínua do sistema filosófico. Por outro lado, pela discussão do problema do conhecimento podia esperar-se a fundamentação de um princípio metafísico.

O Professor Ureña apresenta e discute ao longo do capítulo II 3. da sua obra a proposta de H. S. Lindemann, de 1847, de sete temas a serem discutidos em conjunto, pelos filósofos, para preparar a futura "Filosofia alemã". Alguns destes pontos resultaram de uma influência directa das ideias krausistas.

No ano seguinte, 1848, a redacção do periódico *Jahrbücher für Wissenschaft und Leben* lançava novo apelo no sentido da fundação de uma "Academia alemã das Ciências livres", fazendo-se continuadora do projecto enunciado no início da década por A. Ruge. Agora, o suporte territorial do chamamento para a "Ciência livre" não era nem a Prússia nem a Saxónia mas a própria Alemanha unida, cujo parlamento estava reunido em Frankfurt / Main. A reunião preparatória de um futuro Congresso nacional teve efectivamente lugar, nesse ano, na cidade de Frankfurt / Main, e dela saiu um uma memória assinada por A. Adler, M. Carriere, L. Feuerbach, K. Grün, K. Nauwerck, L. Noack e A. Ruge, entre outros. Na obra do Professor Ureña pode o leitor encontrar um exame detalhado do *Frankfurter Denkschrift* (pp. 96-101 e ss).

Em Agosto de 1848 reuniu-se o Congresso de que resultou a decisão de fundar um periódico e nomear Presidente um aluno de K. C. F. Krause, K. Grün, relator dos resultados da reunião, proclamava a necessidade de dar finalmente lugar a uma Academia livre da Igreja e do Estado, mas igualmente emancipada dos sistemas e escolas filosóficas. Dava este publicista voz à crítica do "espartilho" sistemático do hegelianismo, que A. Ruge havia igualmente inaugurado como um dos temas centrais da sua crítica a Hegel (posterior a 1840). Ainda na mesma linha, considerava K. Grün que a ocasião política era a mais propícia para consolidar uma Revolução da Educação Nacional que, permitindo uma reforma séria da Universidade no sentido de um "ensino livre", servisse de suporte a uma "Ciência da Vida" (cit. in p. 102).

Na continuação das suas análises sobre o contexto da influência dos discípulos de K. C. F. Krause, a obra de Enrique M. Ureña dá espaço (pp. 112-131) a uma detalhada investigação sobre a actividade do erudito, viajante e polímato C. H. F. Bialloblotzky, colega de K. C. F. Krause em Göttingen, e em particular aos seus esforços para reunir um Congresso Científico durante os anos 1860-1864, com o apoio da franco-maçonaria e tendo por base teórica as suas próprias *Cartas para a promoção da Humanidade*. Nas ideias de C. H. F. Bialloblotzky sobre a unidade da Humanidade e sobre o conhecimento do obreiro de todas as coisas encontra o Professor Ureña traços de krausismo (pp. 130-131). E embora as propostas de realização de um Congresso não tivessem sido transpostas para a realidade dos factos, em 1865 von Leonhardi retoma a ideia de um Congresso científico itinerante que se realizará, desta vez com sucesso, em 1868, em Praga, com contornos krausistas bem definidos.

Ao contrário do que era intenção do autor com os dois capítulos iniciais, só a partir do capítulo III da obra encontramos as análises que mais directamente focam o escopo, os temas e as vias da influência dos discípulos de K. C. F. Krause na promoção de Congressos e Encontros e na formação de instituições de "ensino livre" na Alemanha e na América do Norte, em associação com a corrente pedagógica do fröbelianismo.

Segundo apurou nas suas investigações o Professor Ureña, o discípulo de K. C. F. Krause, H. von Leonhardi, esboçara já no ano de 1855 um plano para um Congresso de

filósofos, que viria a ter expressão escrita mais amadurecida um ano depois, num texto que se propunha retomar os projectos de C. H. F. Bialloblotzky. No Congresso de Praga de 1868 propusera-se von Leonhardi apresentar um conjunto de 39 proposições destinadas a elucidar questões nas áreas temáticas de uma "Doutrina do Homem" e de uma "Doutrina da Ciência" e fortemente impregnadas de doutrina krausista. Algumas dessas teses pretendiam clarificar a relação entre krausismo e cristianismo e entre pensamento maçónico e crença em Deus. Para além das teses relativas a temas religiosos ainda se encontram proposições mais voltadas para questões de ordem pedagógica, em particular para o problema de saber que situação atribuir ao "Seminário filosófico" na formação pedagógica.

Os Congressos filosóficos inspirados pelos krausistas prosseguiram e em 1869 tem lugar uma reunião científica em Frankfurt / Main em que os principais problemas enfrentados vão ser o da harmonia das confissões religiosas e o da educação. Partindo do primeiro problema é fácil compreender por que razão na base das actividades dos congressistas esteve um texto escrito por von Leonhardi com o título bem sugestivo *der Philosophencongress als Versöhnungsrath*.

O estreitamento das relações entre os adeptos de K. C. F. Krause e a corrente pedagógica fröbeliana deve-se ao facto de a pedagogia e as questões relacionadas com a "educação livre" se terem tornado temas recorrentes das reuniões krausistas. O capítulo IV da presente obra de Enrique M. Ureña faz uma análise minuciosa do estreitamento de relações entre estas duas famílias doutrinárias desde a sua génese em escritos de Fr. Fröbel e de K. C. F. Krause de 1822 e 1823, respectivamente, e no encontro entre este e Fr. Fröbel em 1828.

O motivo filosófico que uniu os dois personagens principais deste movimento de ideias foi o pensamento da unidade de todas as coisas: a vocação para a unidade da natureza e para a unidade com Deus (p. 216). Inicialmente, K. C. F. Krause criticou em Fr. Fröbel a tendência para conceber no seu conceito de educação a universalidade da condição humana como algo de semelhante à condição de alemão (*Allgemeinmenschlich / Allgemeindeutsch*), mas a apreciação de conjunto dos princípios pedagógicos de Fr. Fröbel acabou por ser positiva (p. 217-218). Em consequência disso, na carta que Fr. Fröbel escreveu a K. C. F. Krause (1823) podia ler-se: *Ein Geist treibe uns, ein Geist vereine uns: – Gottes Geist. Ein Ziel leite uns: – Darstellung der reinsten Menschheit: – Gottheit in der Menschheit* (cit. In p. 218).

Os diferentes problemas analisados nos últimos capítulos da obra como a questão feminina, os requisitos da formação de professores do ensino infantil, as regras pedagógicas nos *Kindergarten*, o uso do conceito de *Spieltrieb* para fins pedagógicos e a emigração são investigados sob o prisma desta associação entre a fundamentação filosófica de feição krausista e a aplicação a questões pedagógicas de índole mais prática, de orientação fröbeliana. A troca de correspondência entre Fr. Fröbel, H. von Leonhardi e A. Frankenberg atesta o carácter inseparável dos dois aspectos. Também se reflectiu do ponto de vista institucional a dualidade em causa e a harmonia dos seus dois membros, com a criação do "Congresso Filosófico" e do "Comité Pedagógico".

Numa síntese final pode concluir-se da leitura desta obra a intenção do seu autor de fornecer um guia para a compreensão de alguns aspectos da mundividência pós-hegeliana, em torno do tópico do *praktischwerden der Philosophie*. Sem dúvida que desde os projectos publicísticos e universitários de A. Ruge até ao "Congresso Filosófico" de H. von Leonhardi se pode encontrar o mesmo fio condutor da efectivação da Filosofia. Desde a crítica de A. Ruge ao carácter "contemplativo" da dialéctica hegeliana é possível aperceber de que forma Hegel é mantido a uma certa distância e como outras orientações filosóficas se tornaram privilegiadas, entre as quais muitas daquelas que promoviam o Homem e a Humanidade a centro da reflexão filosófica.

Das minudentes análises da obra de Enrique M. Ureña ficam vários problemas filosóficos por resolver. Entre todos, aquele que eu colocaria em primeiro lugar é o de saber como

interpretar o recurso à semântica do “pensamento da unidade” – o mesmo que baseou a infância do Idealismo Alemão na poética filosófica de Hölderlin e do primeiro Hegel – no enquadramento das novas necessidades “práticas”, que a Filosofia na época da sua transformação, pós-Hegel, enfrenta. Esta é uma daquelas questões que, uma vez enfrentada com rigor, nos mostra como os ensaios para largar Hegel e os seus avatares é, possivelmente, uma aventura condenada ao retorno do mesmo. Por isso, seria importante que ao aspecto da exploração histórica e textual dos episódios da história da recepção da obra de K. C. F. Krause se juntasse uma investigação da semântica mais profunda, que marca o vigamento conceptual e a forma mental de toda uma época e daquilo que nela se dá a pensar.

Edmundo Balsemão Pires

José Enes, *Noeticidade e Ontologia*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, sem local, sem data. 212 pp. [Lisboa, 1999]

Os oito estudos reunidos neste volume, datados entre 1984 e 1995, apresentam uma unidade de pensamento e um parentesco temático que fazem de *Noeticidade e Ontologia* muito mais do que uma recolha de publicações e inéditos de José Enes nas últimas duas décadas. Desta recolha de estudos resulta uma obra autónoma, dotada duma clara unidade que lhe é conferida pela personalidade filosófica do autor. Sob o tema da *Noeticidade e Ontologia*, o filósofo visita alguns momentos decisivos da história da filosofia, e conduz também, nesse mesmo movimento, uma meditação sistemática fundamental acerca do objecto temático da ontologia.

A vertente histórico-filosófica dos temas abordados aparece sempre em função duma meditação autónoma e principal. E assim, sobre as noções de “noeticidade” ou de “intuito”, em interpretações e diálogo com a experiência histórico-filosófica, linguística em geral, e científica ou poética, em particular, Enes centra o seu estudo sobre as noções da causalidade, da identidade, da metáfora, dos fundamentos do conhecimento, e de métodos e posições filosóficas como a metafísica, o método cartesiano, o transcendentalismo ou a hermenêutica. Historicamente, são privilegiados neste percurso o pensamento e a obra de Parménides, Aristóteles, São Tomás de Aquino, Descartes, Suarez, Kant, Heidegger e Pessoa, lidos jamais de modo estereotipado ou esquemático, mas invariavelmente ao nível do genuíno comentário, i.e., da reconstrução viva de definições, estruturas e experiências fundamentais, que se consubstanciam numa concepção original da ontologia. Este livro requer por isso, antes de qualquer resumo ou resenha, uma caracterização breve dos seus principais conceitos.

Já desde o título escolhido para o volume é da maior importância para o pensamento nele expresso a noção de “noeticidade”. Este termo parece designar em geral, e de maneira abstracta, um modo fundamental como a significação se configura numa estrutura dotada dum princípio de unidade específico, e de relações que se articulam de modo coerente numa ordem discursiva inteligível. Esta unidade estrutural da significação do discurso pode assumir diferentes formas, que a história da filosofia iluminou e explorou por diversas vias. Terminologicamente, o conceito de noeticidade deriva do grego “*noeo*[,] cujo sentido encontra uma ressonância experimental em *pensar*” (34). A noeticidade não é para entender, então, directamente como a experiência do pensar, mas como a sua elaboração abstracta e, além disso, conforme apercebida, configurada e exibida do modo o mais perfeito e consumado no discurso filosófico e poético. Nestes termos, a “noeticidade expressa a excelência eficaz do exercício, a resultante completude de acabamento e o mais alto grau de plenitude cognoscitiva do intelecto” (11). A noeticidade pode surgir em compostos